

**O lugar das mulheres negras na sociedade: uma reflexão sobre a atuação da  
Professora Rachel Pereira de Andrade**

Laura Carolline Fernandes Alves Amado  
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: laah-gbi@hotmail.com

Noélia Carvalho de Oliveira  
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: noeliacarvalhocle@gmail.com

Maria Lúcia Porto Silva Nogueira  
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil  
Endereço eletrônico: mlnogueira@uneb.br

1623

**Palavras-chave:** Mulheres negras. Professoras. Protagonismo feminino

## **INTRODUÇÃO**

A sociedade brasileira, historicamente marcada por profundas desigualdades raciais e de gênero, apresenta desafios significativos para mulheres negras. Afinal, a mulher negra tornou-se a vítima principal de opressão de um sistema formado e controlado pelos brancos e por este motivo, fez-se peça fundamental de resistência feminina nos espaços escolares, onde muitas vezes são reproduzidos e reforçados preconceitos enraizados na sociedade, incluindo o racismo. No entanto, as instituições escolares também devem ser locais de resistência e luta contra a discriminação racial, de gênero, de classe e devem ser locais do protagonismo feminino negro. Como afirma Dantas (2021), discutir o protagonismo de professoras negras é dar visibilidade a sujeitos sociais que constroem suas identidades profissionais, em meio a enfrentamentos que buscam romper posturas preconceituosas e racistas arraigadas na sociedade e assim dar visibilidade às mulheres negras que atuam como professoras e lutam contra as desigualdades sociais e raciais que repercutem dentro e fora das escolas.

**Realização:**



**Apoio:**



Este estudo tem como objetivo refletir sobre o lugar das mulheres negras na sociedade, diante dos marcadores sociais que atropelam suas vidas no cenário social, como também educacional a partir da atuação da Professora Rachel Pereira de Andrade, negra e pobre, que teve a oportunidade de estudar na Escola Normal de Caetité, na década de 1930 e, tornando-se professora primária, pôde transformar sua realidade de vida, de opressão e desigualdade social. Desse modo, reitera-se a necessidade de dar visibilidade às histórias e às contribuições das mulheres negras na sociedade brasileira. A análise da atuação de Rachel pode servir de inspiração para outras mulheres negras e para a sociedade como um todo, ao evidenciar como a educação e a representatividade são ferramentas poderosas na luta contra o racismo. Este estudo contribui, portanto, para o fortalecimento das discussões sobre questões étnico-raciais e sobre a história das mulheres.

1624

## **METODOLOGIA**

A metodologia utilizada neste trabalho é de natureza teórica, a partir de uma revisão de literatura. De acordo com Flor, Gonçalves, Vinholi Júnior e Trajano (2022) as revisões de literatura são processos de busca, análise e descrição de determinado assunto ou campo do conhecimento para uma maior delimitação do campo de pesquisa. Portanto, a elaboração deste estudo parte da escolha do tema e do levantamento bibliográfico, com buscas em artigos, dissertações, teses, e livros publicados, procedendo a seleção de estudos passíveis de diálogo com a temática aqui proposta. Após a leitura e fichamento do material, procedeu-se a escrita deste texto.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os "marcadores sociais" moldaram a imagem das professoras ideais nas Escolas Normais, valorizando mulheres brancas e da elite, em contraste com figuras como Rachel Pereira de Andrade. Assim, a professora ideal seria branca, de classe alta ou ainda, como afirma Rodrigues (2011), a normalista comportada, moldada, de óculos, saias compridas e postura inquestionável. No entanto,

**Realização:**



**Apoio:**



[...] a conjuntura histórica viabilizou a emergência desses modelos, permitindo que as professoras saíssem da sombra, falassem e ocupassem espaços definidos como apenas de homens, estando entre esses e discursando em favor das mulheres, para questionar a desigualdade entre os sexos, seja ratificando e valorizando as diferenças, seja deslegitimando-as (Rodrigues, 2011, p. 27).

Aponta-se que a presença de mulheres brancas e de elite foi significativa para as transformações sociais e a posição das mulheres na sociedade patriarcal. No entanto, mulheres pobres e negras não participavam desses movimentos devido à falta de escolaridade e por estarem em outros espaços de trabalho lutando pela própria sobrevivência visto que muitas eram chefes de famílias (Safiotti, 1976). Com o tempo, mais mulheres pobres se envolveram em movimentos sociais e feministas, focando na melhoria das condições de trabalho e na igualdade de estratégias com os homens, transformando as demandas reivindicadas, que inicialmente abordavam vivências específicas das mulheres brancas, durante a luta sufragista na década de 1930.

O surgimento das Escolas Normais no século XIX, trouxe a possibilidade de inserção de mulheres negras no âmbito educacional e, ainda que de forma limitada, foi essencial, mas não suficiente para superar as múltiplas formas de discriminação e estigmas quanto à raça, gênero e classe, caracterizando uma interseccionalidade de discriminações. Segundo Crenshaw (2002):

A discriminação interseccional é particularmente difícil de ser identificada em contextos onde forças econômicas, culturais e sociais silenciosamente moldam o pano de fundo, de forma a colocar as mulheres em uma posição onde acabam sendo afetadas por outros sistemas de subordinação. Por ser tão comum, a ponto de parecer um fato da vida, natural ou pelo menos imutável, esse pano de fundo (estrutural) é, muitas vezes, invisível. O efeito disso é que somente o aspecto mais imediato da discriminação é percebido, enquanto que a estrutura que coloca as mulheres na posição de “receber” tal subordinação permanece obscurecida (Crenshaw, 2002, p. 176).

Fica evidente que abordar esse conceito nos espaços de educação é fundamental, afinal, como menciona a autora, a interseccionalidade se tornou uma ferramenta analítica indispensável para pensar o lugar das mulheres negras na sociedade. Neste aspecto, pode-se ressaltar que a trajetória da Profa. Rachel também foi marcada por essa

Realização:



Apoio:



interseccionalidade, afinal, tornou-se evidente que durante o seu período de estudo na Escola Normal de Caetité teve a instrução e a ajuda de professores/as, que além de tudo, foram pessoas de bastante relevância, para que Rachel pudesse concluir o curso, por conta das dificuldades enfrentadas por ela, como a questão financeira.

Com isso, o apoio dos/das mestres/as e dos/das colegas foi mais do que fundamental, como Rachel mesmo relata nesse trecho, parte de uma entrevista publicada em 2008 no blog disponível na Web em sua memória:

(...) Bons professores, explicavam muito, boas colegas, eu não tinha livros na época, estudava com as colegas, na casa de Agnalda Públio eu ia muito (...) era com muita dificuldade que se estudava nessa escola, principalmente, os pobres (...) estudava à noite, preenchia o que foi dado na aula através dos livros da colega Agnalda. Eu estudava muito por apontamentos, os colegas emprestavam muitos livros, os professores também emprestavam muitos livros. (Pereira, 2008).

Este exemplo de uma parte da vida de Rachel esclarece o conceito de intersecção de classe, condição social e raça. Mas, além disso, é importante ressaltar que Rachel se desdobrava entre as funções de mãe e professora, porém, em ambas o amor e a dedicação não faltavam. Desse modo, Rachel mesmo morando na mesma casa que ensinava conseguia fazer a separação do lar do seu local de trabalho com a ajuda de empregadas domésticas. Assim, desde que Rachel chegou ao povoado de Tanque Novo-BA, ainda solteira, ela pagava uma moça para trabalhar e dormir também, em sua casa. Depois dos filhos, ela pagava duas pessoas, uma para ficar com as crianças e outra para trabalhar na casa. Fora isso, ainda pagava para lavar roupas. No entanto, Rachel trabalhava um período como professora, em torno de vinte horas, pois não havia quarenta horas a não ser se fosse substituir uma licença de outra professora, neste caso, poderia trabalhar os dois períodos.

Mesmo trabalhando vinte horas, nota-se que a rotina de Rachel era muito corrida, em vista da situação que vivia e das funções que desempenhava, sendo mãe com oito filhos, cuidava da casa e ainda se dividia com as responsabilidades da escola, além das demandas familiares que surgiram ao decorrer do tempo. No entanto, Rachel mesmo sendo negra e professora, pôde ter acesso a essas vantagens, como poder

**Realização:**



**Apoio:**



contratar ajudantes e desenvolver um trabalho atrelado à escola com mais facilidade, demonstrando que ser professora negra vai muito além de “assumir” uma sala de aula, afinal, o desafio de ser mulher e negra repercutiu ao longo dos anos de vida de Rachel.

## CONCLUSÕES

A trajetória da Professora Rachel Pereira de Andrade é notável no contexto histórico em que viveu. Negra e mulher nos anos 1930, conseguiu se formar na Escola Normal e se tornar professora em 1932, ocupando espaços geralmente negados à população marginalizada, inclusive, espaços de discussões e educacionais. Rachel utilizou sua posição na docência como um meio de resistência contra desigualdades sociais. Além de professora, foi mãe e atuante na política em Tanque-Novo, exemplificando protagonismo como uma mulher negra enfrentando desafios diários. No entanto, a realidade das mulheres negras e pobres hoje permanece difícil, com obstáculos na educação, falta de recursos, desigualdades sociais, preconceitos e racismo. As mulheres negras que se tornam professoras ainda enfrentam desafios diários para garantir sua permanência nas instituições educacionais e devem adotar uma postura antirracista e revolucionária em sala de aula, afinal, a escola não é apenas um reflexo passivo das estruturas sociais, mas também um campo de batalha onde ocorrem lutas por inclusão, representação e reconhecimento. Nesse contexto, a atuação de mulheres negras em diferentes esferas sociais, como nas escolas e tornou-se não apenas um ato de resistência, mas também um ponto crucial para a promoção da igualdade e da justiça social.

1627

## REFERÊNCIAS

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Estudos Feministas, 2002, p. 176.

DANTAS, Fabrícia dos Santos. **Entre o silenciamento e o protagonismo: Vozes de Professoras negras do Sul da Bahia**. Revista Communitas V5, N11 (Jul-Set/2021): Esperançar a EJA, 2021.

Realização:



Apoio:



FLOR, Tainá De Oliveira. GONÇALVES, Antônio José da Silva. VINHOLI JÚNIOR, Airton José. TRAJANO, Valéria da Silva. **Revisões de literatura como métodos de pesquisa: aproximações e divergências.** Anais do VI CONAPESC. Campina Grande: Realize Editora, 2021.

PEREIRA, A. C. **Rachel Pereira de Andrade: Raquel Pereira Carneiro,** Tanque Novo, 10 dez. 2008. Disponível em: <https://raquelprofessorinha.blogspot.com/>. Acesso em abril de 2024.

RODRIGUES, Fernanda Lopes. **A invisibilidade da mulher negra maranhense no estudo sobre a formação da professora na Escola Normal pública em São Luís (1930-1945)** / Fernanda Lopes Rodrigues. 2011.

SAFFIOTI, H. I. B. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** Petrópolis: Vozes, 1976.

**Realização:**



**Apoio:**

